



A FERROVIA DO VINHO RETRATADA ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS

Roberto Amaral Schinoff¹
Fabiana Tramontin Bonho²
Judite Sanson de Bem³

Resumo: este estudo tem por objetivo demonstrar que a ferrovia do vinho é retratada através das memórias. Como problema de pesquisa, foi investigado como a ferrovia do vinho retrata as suas memórias. Para atender o objetivo proposto, optou-se por utilizar o método de estudo exploratório através de um levantamento bibliográfico em livros e materiais já publicados. A memória é retratada através da ótica funcional e simbólica dos lugares de memória.

1 Introdução

A memória pode ser individual ou coletiva, sendo a coletiva é aquela composta por narrações, símbolos, histórias que contribuíram para a constituição identitária de uma sociedade disseminada ao decorrer do tempo entre as gerações.

A memória enquanto coletiva gera elos de vários pensamentos e lembranças, que retém momentos do passado e que estas se mantem presente nos grupos sociais gerando assim um sentimento de pertencimento.

Seguindo esta linha de raciocínio, procurar-se-á responder à pergunta norteadora: como a ferrovia do vinho é retratada através das memórias? Tendo o presente artigo o objetivo de demonstrar que a ferrovia do vinho é retratada através das memórias. Desta forma, para responder o problema de pesquisa, foi realizado um estudo exploratório através de pesquisa bibliográfica para conceituar a memória.

2 Contextualização memória

¹ Doutorando em Memórias Sociais e Bens Culturais (Unilasalle) e Mestre em Desenvolvimento Regional (Faccat). Possui bacharelado em Administração com ênfase em Comercio Exterior. E-mail: roberto.200160006@unilasalle.edu.br. Bolsista Capes.

² Doutoranda em Memórias Sociais e Bens Culturais (Unilasalle) e Mestra em Desenvolvimento Regional (Faccat). Possui bacharelado em Administração e Ciências Contábeis. E-mail: fabiana.202020242@unilasalle.edu.br. Bolsista Capes.

³ Doutorado em História Ibero-americana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora do Mestrado Profissional e Doutorado Acadêmico em Memória Social e Bens Culturais e do Mestrado em Avaliação de Impactos Ambientais na Universidade La Salle. E-mail: judite.bem@unilasalle.edu.br



Ao refletir sobre a identidade de um lugar, é importante considerar as memórias que a população da localidade carregam, quem são os narradores destas memórias, e em quais lembranças cercam as histórias e que memórias não são retratadas, de acordo com Candau (2012, p. 72), “a partir dessas ocultações, pode-se esperar melhor compreender os processos complexos que acompanham, de início, a memorização e, em seguida, a rememoração”.

A memória é dividida entre individual e coletiva, assim, a memória coletiva é um elemento essencial para a formação da identidade a partir das memórias individuais de cada membro desta localidade, sobre isso, Halbwachs (2006, p. 53-54) afirma que:

A memória coletiva [...] envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal.

Conforme Candau (2012), as pessoas compartilham práticas, representações, crenças e lembranças gerando assim em um determinado local aquilo que é denominado de cultura, é sobre estas práticas compartilhadas por um grupo que estamos referenciando o presente trabalho, tendo as memórias destas praticas representadas hoje na ferrovia do vinho.

A ferrovia do vinho, é um local onde se retrata muitas memórias, conforme Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem, portanto, do sentimento de que não há memória espontânea, de que é preciso criar arquivos [...]. Se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memórias (NORA, 1993, p. 13).

Nora (1993) ainda afirma que estes locais de memória podem ser traduzidos sob três óticas, sendo elas: material, funcional e simbólico. O material



por seu conteúdo demográfico, o funcional trabalhado por hipóteses, buscando garantir ao mesmo tempo a transparência da lembrança e sua socialização e por fim a simbólica, onde um acontecimento ou experiência vivenciada por um pequeno grupo caracteriza uma maioria que dele não participou.

Sobre estas três óticas, serão representadas as memórias retratadas da ferrovia do vinho de Bento Gonçalves/RS.

3 Resultados

A ferrovia do vinho apresenta as três óticas dos locais de memórias conforme exposto por Nora (1993). Nas figuras 1 e 2 se pode observar um exemplo da ótica funcional, a qual é representada pela estação férrea que está localizada na cidade de Bento Gonçalves/RS e permanece ativa até os dias de hoje.

Figura 1 – Estação férrea de Bento Gonçalves RS



Fonte: Maria fumaça em Gramado (2023)

A estação férrea de Bento Gonçalves foi ponto de passagem tanto para passageiros como para o transporte de cargas e permanece ativa nos dias atuais servindo de ponto de partida para os turistas que buscam pelo passeio da ferrovia do vinho.



Figura 2 – Atores caracterizados com roupas típicas

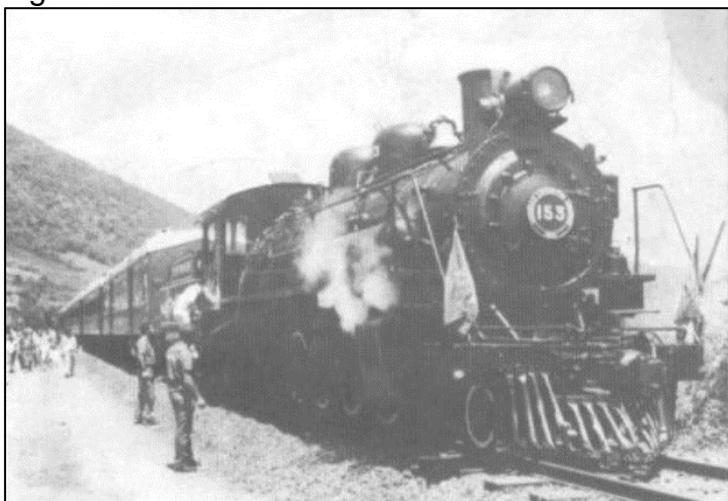


Fonte: Maria fumaça em Gramado (2023)

A estação de Bento Gonçalves/RS serviu de cenário para diversas obras cinematográficas, buscando retratar as pessoas que por ali a utilizaram no passado, resgatando seus costumes e hábitos, além de seus trajes típicos da época.

A partir das figuras 3 e 4 podemos observar as locomotivas utilizadas no transporte de pessoas, mesmo não sendo a mesma, os modelos se assemelham tanto nas características externas, bem como nas internas em seus vagões de passageiros. Tais características das locomotivas remetem a ótica simbólica de acordo com Nora (1993).

Figura 3 – Locomotiva



Fonte: Maria fumaça em Gramado (2023)



Figura 4 – Locomotiva



Fonte: Maria fumaça em Gramado (2023)

4 Conclusão

A memória é necessária para preservar as lembranças, os conhecimentos obtidos além das práticas vividas. A memória é a responsável pela conservação de informações que são vivenciadas por um grupo social, e por estas não se apagarem, pois, esse poder de recordar é o que faz com que se possa transmitir para outros indivíduos o que foi visto e aprendido.

As imagens apresentadas neste trabalho demonstram que a ferrovia do vinho mantém viva estas memórias através do tempo, tanto na própria estação férrea bem como na experiência através do passeio nos vagões das locomotivas.

Referências

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. [Tradução Maria Leticia Ferreira]. - 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro. 2006

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, v. 10, p.7-28. São Paulo, jul./dez., 1993.

MARIA FUMAÇA EM GRAMADO. Disponível em <https://www.mariafumacaemgramado.com.br/a-historia-do-trem-do-vinho-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em 14 jul. 23.